

ILLUSTRAÇÃO

EDIÇÃO SEMANAL
Empreza do jornal O SÉCULO

José Joubert Chaves
EDITOR

PORTUGUEZA

Toda a correspondência relativa a esta publicação deve ser dirigida com o endereço *ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA*

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photogravura, zincographia, stereotypia, typographia e impressão—Rua Formosa, 43—Lisboa

TERCEIRO ANNO

SEGUNDA FEIRA, 15 DE JANEIRO DE 1906

NUMERO 115



A QUESTÃO DE MARROCOS—Os representantes de Portugal na conferencia de Algeciras

Sr. conde de Tovar de Lemos, ministro de Portugal em Madrid—Sr. conde de Martens Ferrão, ministro de Portugal em Tanger

Chronica

O futuro de Portugal

Diversos escriptores e sabios encheram algumas paginas do *Diá* com as suas prophecias sobre Portugal. Todos viram a regeneração do paiz segundo os seus habitos, os seus modos ou a sua politica, todos, como velhos augures, lançaram a sua sentença, imperturbaveis, dignos e frios, no ar de quem dissesse a ultima palavra.

Uns acharam o rejuvenescimento no mar, outros nas colonias, alguns no sonho, muitos nos partidos politicos. Mas disseram tudo isso servindo-se do que chamaram a logica, quebraram a velha forma usada pelas pythonisas, das evocações, das consultas aos deuses, das abstracções que obrigaram a estremecer muitos romances; fizeram isso na paz dos seus gabinetes, sem aquellas convulsões que as sacerdotizas tinham quando respondiam em nome do oraculo de Delphos.

Isto quer dizer que mudou a forma de se fazerem prophecias. Outr'ora era n'uma theatral epilepsia, n'uns saltos de fera, escumando imprecações, que se dizia a um mortal se elle teria a gloria de Alexandre ou a vida arrastada d'um escravo; depois, com madame Lenormand o caso mudou, e com



Escola Pratica de Artilharia de Vendas Novas: O palacio da Vidigueira onde El-rei se aloja quando vai assistir aos exercicios annuaes

Debalde ella diz adivinhar o futuro com veracidade e rapidez, debalde ella affixa os seus annuncios citando as suas viagens e os nomes de Gall e La-

dô imperio, d'essa soberba sciencia que a faz ver todos os acontecimentos, adivinhar todas as cousas, excepto o numero do premio gordo de Hespanha, isto com toda a certeza, pois que madame Brouillard espera dos clientes a paga em tostões, ella que desvenda a marcha dos homens e dos paizes pelos seculos fóra.



Escola Pratica de Artilharia de Vendas Novas: Largo da Alegria

Hermann esteve para acabar pelo sacrificio do feitiçeiro, Napoleão, entrando um dia, de surpresa, nos aposentos de Josephina, encontrou o churla-tão lendo o futuro n'um baralho de cartas. O homem dos seculos agarrou-o pelas guellas e ouviu a resposta que o allemão lhe dava, meio estrangulado:

— Vim aqui porque me chamaram... E enquanto a Vossa Magestade era melhor consultar os astros do que irrital-os.

O imperador largou o sujeito, saiu, bateu com a porta e berrou para Duroc:

— Põe esse canalha na rua!...

E isto enquanto Josephina chorava como uma doida.

D'então para cá os prophetas tem feito fortuna, ao que parece. Móra os que se consultam para o futuro das nacionalidades, ha, n'uma escala mais inferior, claro, os que se consultam para os destinos de cada homem que possa dispôr de dez tostões até cinco mil réis le que faça uma visita a uma sobreloja do Carmo, onde se installou madame Brouillard, a senhora Nebulosa, a dama Nevoeiro que prediz o futuro.

Polyglotta e velha, pois já predissera ha muito a queda do imperio, essa senhora de nome vago, em que ha como um ven, o ven de todas as neblinas que deixa entrever como um esfumado boceado do futuro, não foi, todavia, consultada sobre a sorte de Portugal.

vater, debalde ella fala das altas personagens que a tem procurado, d'essa famosa prophecia da qu da

Madame Brouillard, na sua qualidade de senhora, decerto não está filiada em nenhum partido politico, como creatura affeita ao insondavel decerto não tem pretensões litterarias, como ser superiormente dotado não vive, como todos os mortaes, e por consequencia em cousa alguma o seu juizo sobre o futuro de Portugal poderia depender do receio de molestar um amigo, do medo de perder um pouco d'influencia, do terror de não lhe apertarem a mão no dia seguinte se falasse bem alto, e por isso deveria tambem ter sido consultada, deveria tambem ter sido interrogada, no seu gabinete do Carmo, com dez tostões na mão e com a Carta Constitucional deante.

— Madame?! Qual é o futuro de Portugal?!

Madame, vaga como o seu nome, ousadamente como se fosse descobrir isso d'um só golpe, baixaria a vista d'agula e ella, que lê em todos os rostos, em todos os cerações, em todos os baralhos talvez dissesse:

— E' a unica carta que não entendo!...

E d'essa opinião tão dubia—os oraculos são sempre dubios— talvez se apurasse melhor o futuro de Portugal.

RICHA MARTINS.



Escola Pratica de Artilharia de Vendas Novas: Edificio principal da Escola



O campeonato nacional de luta realizado no salão do theatro da Trindade em 5 de janeiro
A luta entre Candido Silva e Ribeiro Fonseca—Os vencedores, Abel Macedo, Ribeiro Fonseca e Candido Silva

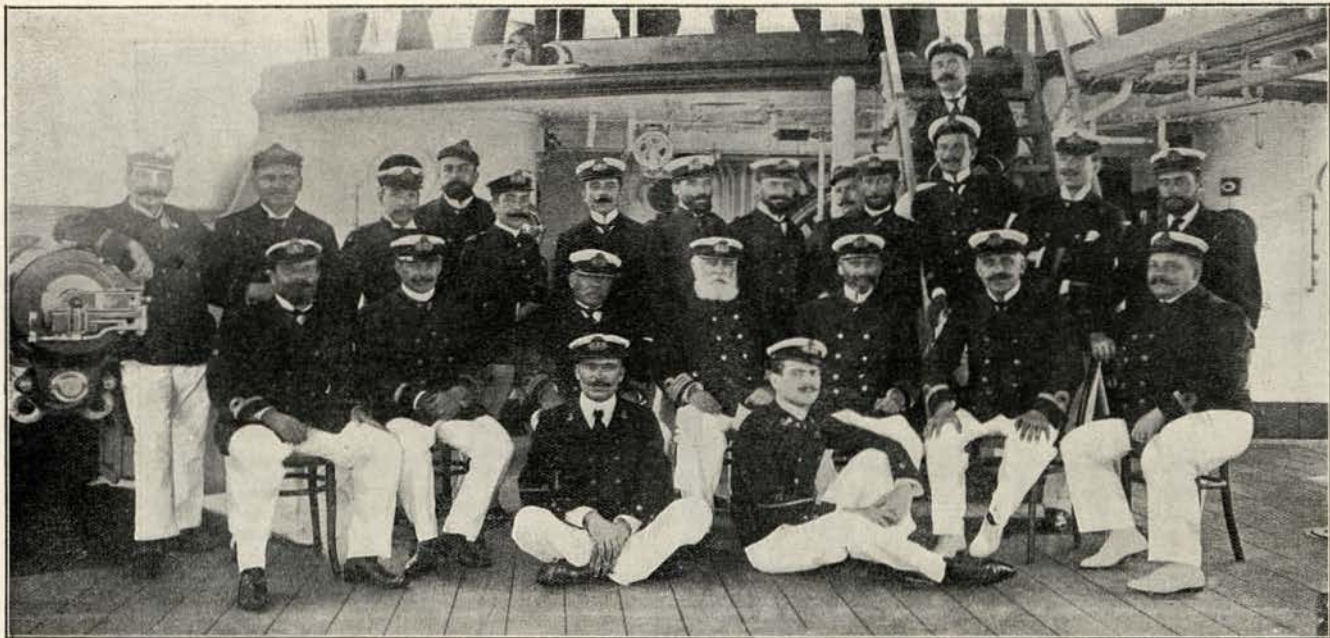
O campeonato foi organizado pelo bi-semanario *Os Sports* e rendem 128810 réis, que os redactores d'aquella folha, os nossos collegas Jorge d'Abreu e José Pontes, enviaram para os pobres do *Seculo*. Houve *pontes* entre os lutadores leves, medios e pesados, saindo respecti-

vamente vencedores os srs. Abel de Macedo, da Real Associação Naval, Ribeiro da Fonseca, da mesma Associação, e Candido da Silva, do Club Naval Madeirense, que foi o 2.º classificado na *ponte* dos lutadores medios e pesados. Tomaram tambem parte no torneio, além

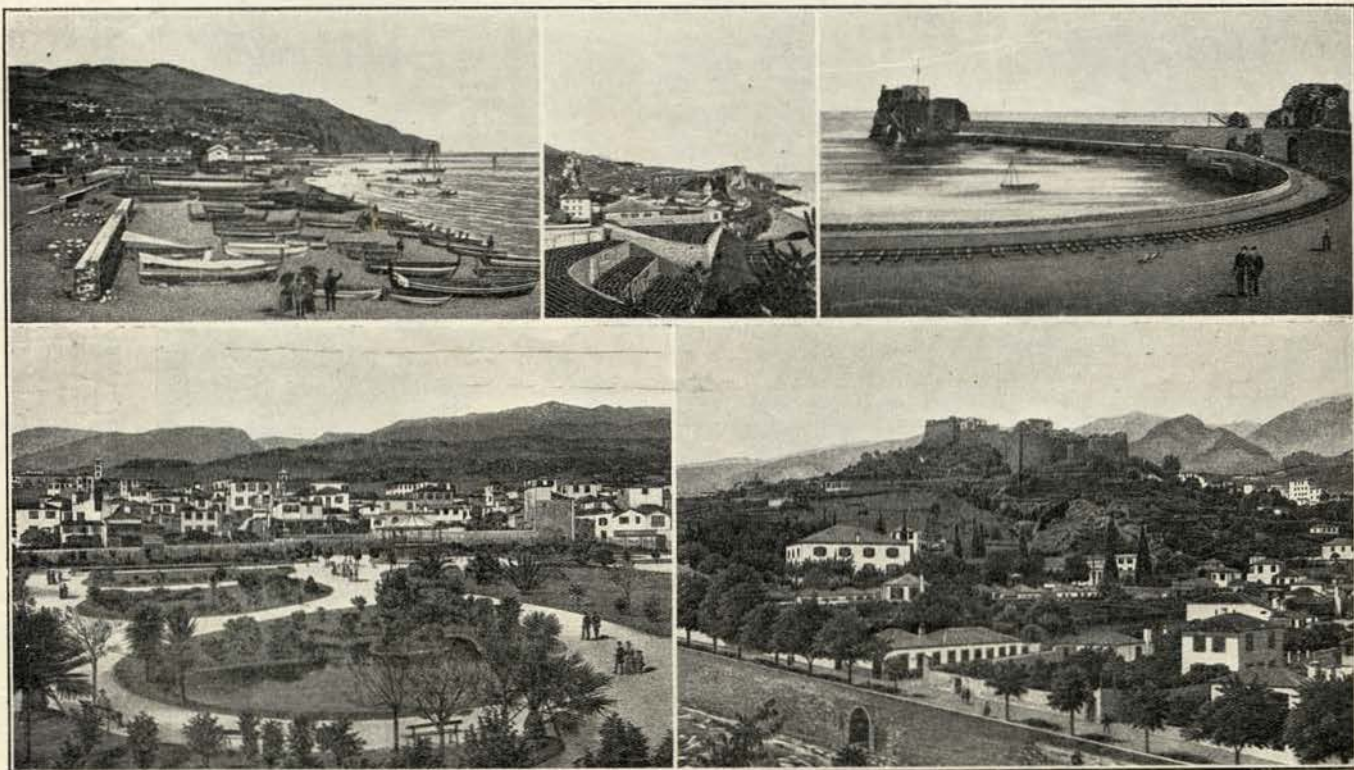
d'estes, os seguintes srs.: Ricardo del-Negro, Joaquim Sotto-Mayor e Alfredo Futscher de Figueiredo, havendo as seguintes phases:

Sotto-Mayor derruba Futscher em 9 minutos, Ribeiro da Fonseca derruba Candido da Silva em 2',30"; encon-

tro sem resultado, entre del-Negro e Sotto-Mayor, Candido da Silva derruba del-Negro em 9',30", Ribeiro da Fonseca e Sotto-Mayor luctam 10 minutos sem resultado, Ribeiro da Fonseca vence del-Negro em 2 minutos, Candido da Silva derruba Sotto-Mayor, mas fóra do *ring*.



A guarnição do cruzador «D. Carlos» que foi estacionar no Funchal—Primeiro plano: Srs. aspirantes machinistas Mendes Barata e Antonio J. Ferreira. Segundo plano: Srs. 1.º tenente Diniz Junior, 1.º tenente José Estrella, capitão de fragata Vieira de Sá, capitão de mar e guerra Azeredo Gomes, comandante, capitão de fragata Azeredo Gomes, imediato, 1.º tenente Bello, 1.º tenente Rio de Garenho. Terceiro plano: Srs. machinistas Queiroz Pires, Gomes, Santos Silva, Luiz Givazta e Costa, commissario Cutra, 1.º tenente Valente da Cruz, machinista Thomas dos Santos, 2.º tenente Fernando Carvalho, medico dr. Casilio Lzareiro. 2.º tenente Ribeiro d'Almeida, 2.º tenente Coelho da Motta, 2.º tenente Silva Cardoso, machinista Mignéis.



O ESTADO SANITARIO DA MADEIRA—Alguns aspectos da ilha

Vista da Fraia—Um aspecto da Camara dos Lobos—Zihen—Jardim municipal do Funchal—Fortaleza de S. João Baptista

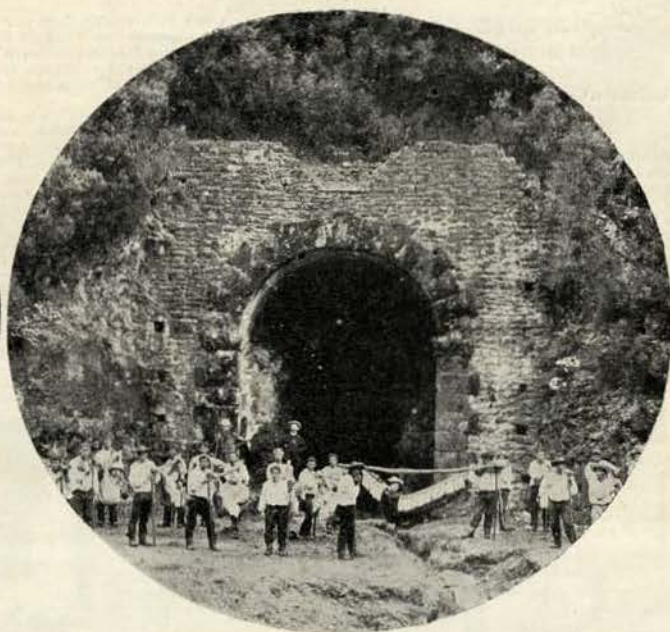
O estado sanitario da Madeira não é grave, no entanto, em virtude dos tumultos feitos pela população, foi necessario enviar para o Funchal o cruzador *D. Carlos*, que ali estacionará até que se resolvam totalmente as questões pendentes. No dia 2 de janeiro, depois de se ter demonstrado que effectivamente se tratava d'alguns casos de peste bubonica e não de pneumonias infecciosas, como ao começo se acreditou, a população, até en-

fão cordata, buscou invadir o Lazareto, onde se encontravam as pessoas atacadas d'aquelle mal, no intuito de as arrancar de lá. Eram apenas duas essas pessoas, mas o tumulto era de tal maneira violento que as autoridades tiveram de intervir. No dia 5 do corrente as autoridades quizeram desinfectar a casa d'uma rapariga atacada de tuberculose e recolher a enferma no Lazareto. No Caminho do Meio, onde ella residia, mora a maior

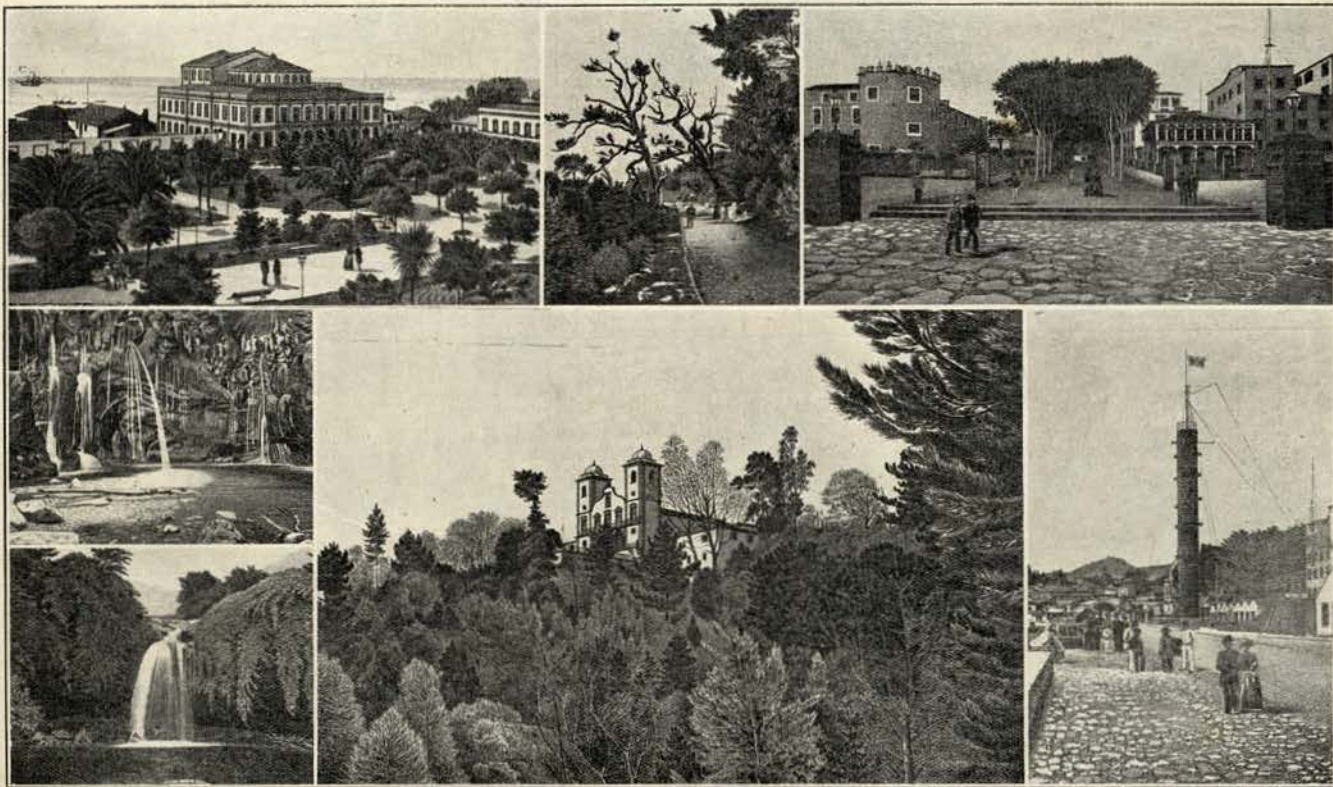
parte da gente pobre da cidade do Funchal, entre a qual lavra a maior colera contra as medidas sanitarias e d'ahi o fazer-se uma agglomeração enorme, vindo depois alvoroçadamente toda essa gente até ao Campo da Barca n'um clamor terrivel. Era pela noite. A policia buscou impedir o passo á turba revoltada, mas teve que recuar em virtude do ataque feito pelos que protestavam já violentamente.



Camara dos Lobos



Tunnel do Rabaçal



O ESTADO SANITARIO DA MADEIRA—Alguns aspectos da ilha

Theatro D. Maria Pia—Ribeiro Frio—Entrada do Funchal—As Fontes—Uma queda d'agua—Egreja de Nossa Senhora do Monte—Pilar de Banger

Deante do tumulto provocado em 5 de janeiro e em que a policia foi obrigada a retroceder, chamou-se um reforço de infantaria 27, que foi para o Campo da Barca no mesmo tempo que os manifestantes tinham recolhido á Rochinha. Os soldados ficaram guardando o Lazareto no recêdo de mais graves tumultos, buscando o administrador do concelho, sr. Octaviano Soares, ir

ao encontro dos desordeiros que voltaram a arremear pedradas sobre a policia que acompanhava o administrador. Em virtude da impotencia da auctoridade civil para reprimir o tumulto, foi feita a ameaça de que a tropa carregaria sobre os manifestantes, o que não fez, apesar de ter ficado um policia gravemente ferido. Grandes medidas sanitarias tem sido tomadas, sen-

do feitas cuidadosas desinfecções tanto na ilha como nos navios que chegam d'essa procedencia e tendo já reunido o conselho superior de hygiene, é de esperar que dentro em pouco esteja debellado o mal que infecta agora, embora em pequena escala, essa magifica ilha de tão doce clima e de tão admiravel vegetação.

O Marquez de Pombal

(A propósito da sua estatua)

A quinta d'Ceiras

(Continuado do numero anterior)

Mandou pois o marquez—Pombal tinha este titulo desde 1770—que se fizesse na villa uma grande exposição a que concorressem todos os productos fabricis da Portugal. Mandaram-se convites a todas as fabricas do reino, ordenou-se a todas as autoridades da provincia que intimassem os proprietarios das officinas a armarem barracas onde seriam vendidos os seus productos. E pôde-se imaginar o que seria n'esse anno de 1775 uma exposição, uma grande feira, como Pombal lhe chamava.

Ninguém faltou ao cumprimento da ordem porque toda a gente sabia que o braço do ministro era tão comprido para punir como para recompensar. Armaram-se,

como pelo ensino feito por mestros estrangeiros que mandara vir. E ali d'aquellas lindas janellas o rei e o ministro á noite deviam estar contentes. Pombal seria então bondoso e terno.

E enquanto o rei e o ministro, debruçados n'essas lindas janellas ou passeando na noite pelos jardins, communicariam o seu contentamento um ao outro, essa feira immensa, maravilhosa, com as suas barracas de cobrejões vistosos, de tectos magnificos, encoravam os utensilios de lavonra, os trigos, as sementes, os objectos de arte, em ceramica e em ourivesaria, as louças e as lãs, as sedas e os puros, o producto do trabalho sobrehumano do ministro e da complacencia int'ligente do soberano.

D. José occupava no palacio as salas de honra, como se comprehende,



Sala dos reis

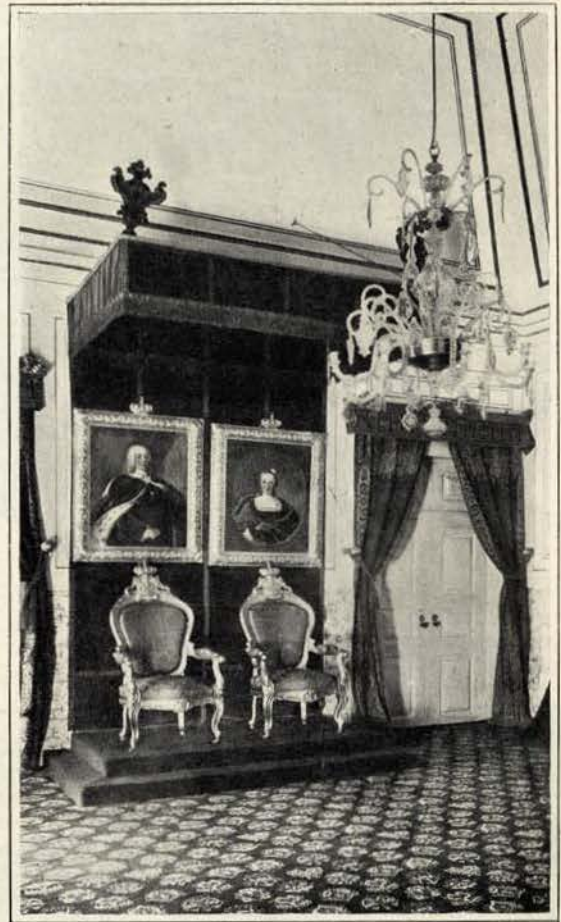
pois, as barracas em volta do palacio onde o rei morava, veio a corte, veio o corpo diplomatico vieram os funcionarios do Estado a quem o marquez ordenára que vissem.

O povo correu em massa, e, com o ar de quem divertia o soberano, elle mostrou bem como soubera desenvolver, alimentar, dar largas a algumas industrias ainda ha poucos annos na infancia e como soubera crear outras, tanto pelas facilidades que lhes concedera,

aquellas onde os quadros de artistas maximos demonstravam o amor do marquez pela arte que o fez collocar ali as estatuas magnificas de Alphon e Arethusa.

Aquella casa foi-se tornando como um muscu, onde se encontra ainda como palpitante a reboidação do tempo.

Existe ali um quadro que representa o marquez com



O throno onde D. José tomava lugar por occasião da sua morada em Ceiras seus dois irmãos, Francisco e Paulo, de mãos dadas e cercados pela phrase concordia fratrum, quadro que se



Fachada lado norte



Escadaria dos jardins

atribue a D. Joanna Ignacia Monteiro de Carvalho, a famosa *Joanna do Salitre*, que foi uma artista de raça, uma retratista insigne e, a par d'isso, ontra preciosidade, o modelo, em cera, da estatua de D. José, em que el-rei está com o seu elmo e com as suas vestes, magnifico e grave n'essa modelação como no bronze da estatua da Praça do Commercio, d'onde uma rainha doida fez apsar o medalhão que representava o immortal ministro, o homem a quem ella deu o não reinar sobre um montão de ruínas. E ruínas teve essa mulher a habilidade de fazer de tudo que o marquez deixara de pó, de tudo que elle robnastacera, desde as consciencias ás instituições.



Fachada para o lado do jardim

Existia tambem ali um liado presepio de marfim e madceperola e dois baixos relevos, em prata, allegoricos ao reinado de D. José, um retrato, em miniatura, do pontifice Clemente XIV, o Ganganelli celebre, que o offereceu a esse marquez que, apesar do receio natural que se tinha de Roma n'essa epoca, não hesitou em expulsar os jesuitas, em, como um habil medico, extirpar esse cancro que roia todas as forças da nação. O odio ao jesuita que ficou no povo é o que faz viver mais na memoria d'elle o vulto de Pombal.

Este povo, que mal conhece Camões, que fala d'elle n'uma atavica recordação, sabe, de cor, muitos dos feitos do mar-

quez. Não sabe que elle mandou subir os Tavoras ao cadafalso, mas conhece como elle encheu algumas naus com os vultos negros dos filhos de Loyola, d'esses habéis sectarios, que hoje ainda dominam na sombra, e serão no mundo os ultimos pilares da religião — como elles a transformaram — no dia longinquo, mas inevitavel, em que sobre o ultimo papa abater a derradeira igreja.

Clemente XIV tambem mandou a o marquez um anel de camphiu representando o mesmo pontifice. Existiram out'ora, em Oeiras, todas estas preciosidades, algumas das quas couberam a outros parentes do marquez, que religiosamente as guardam.

A livraria de Pombal era magnifica; em Oeiras, elle tinha manuscritos raros e livros de grande nomeada,

pcis sabese que nma das paixões do grande ministro era a leitura, a que elle deveu uma grande parte do seu accessão tão rapido.

N'um tempo em que a nobreza se orgulhava de não saber assignar o seu nome, em que raros fid'igos sabiam ler, em que se tinha um grande desdem por isso a que elles chamavam *prentas*, Sebastião José de Carvalho, mal pensando que se-



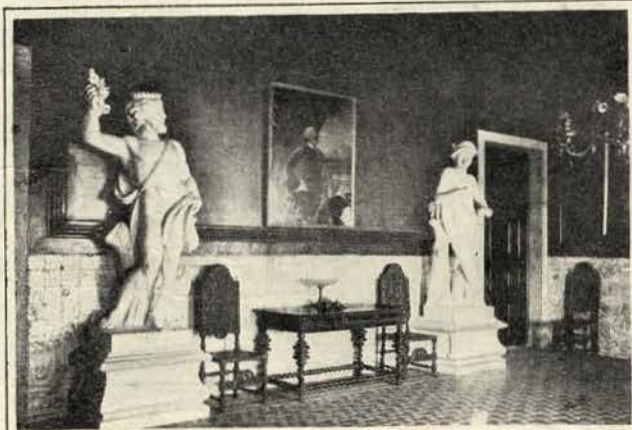
Sala de jantar

ria um dia primeiro ministro, conde de Oeiras e marquez de Pombal, senhor omnipotente do reino, exilado, voluntariamente, em Soure, para se refazer das rapaziadas que lhe tinham arranjado má fama, lia, estudava, robustocia o espirito para, em Vienna, se collocar como o primeiro entre os membros do corpo diplomatico.

E mais tarde, velho, alquebrado, com os seus oitenta annos, roido de desgostos, cheio d'infortunios, o marquez lia ainda, estudava e trabalhava.

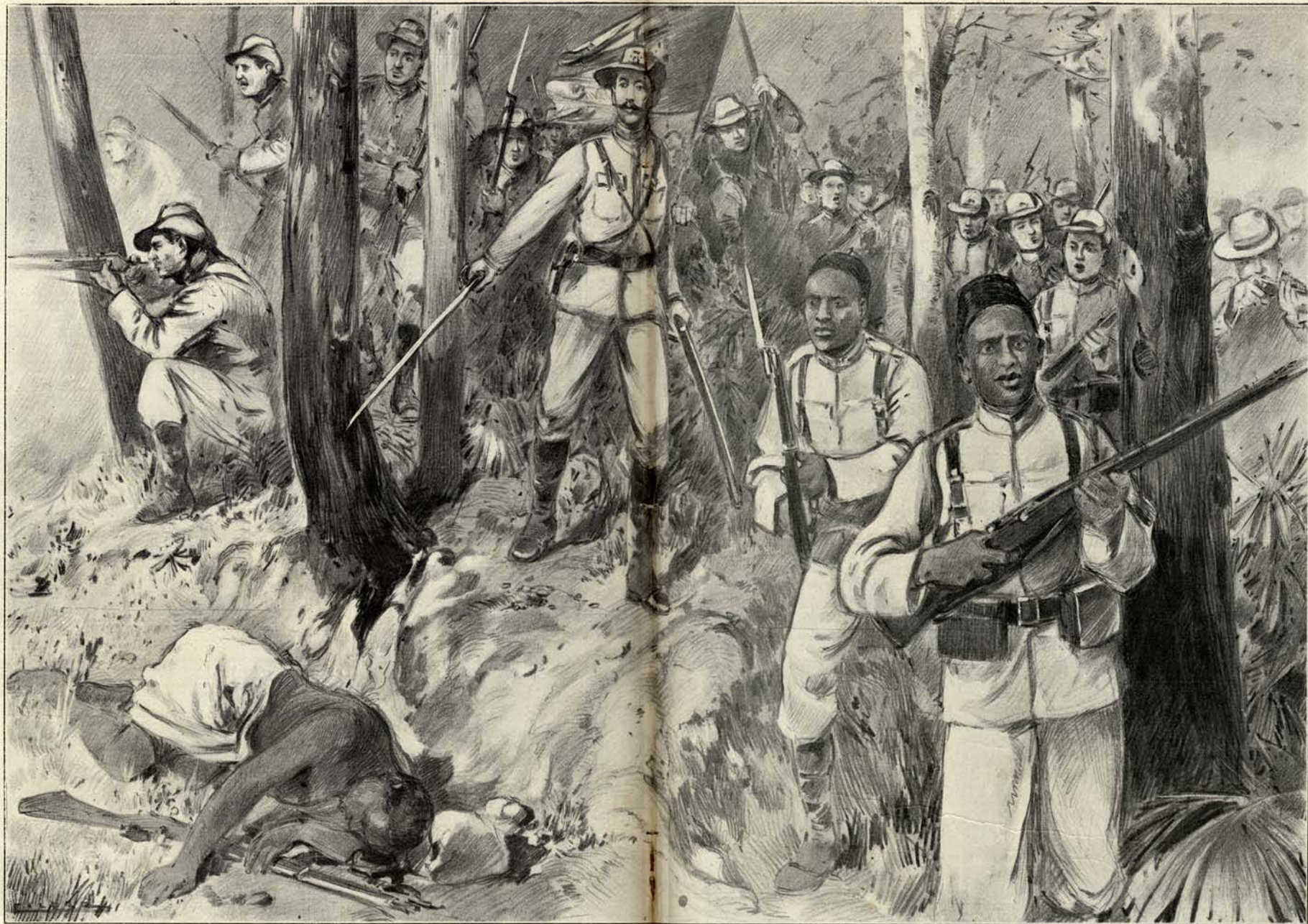


Sala do presepio



Sala de entrada com as estatuas de Alpheu e Arethusa

(Continúa)



A VICTORIA DO MULANDO CERTA PELAS TROPAS PORTUGUEZAS

A columna portugueza que operou no Mulando sob as ordens do governador da Huila, sr. capitão Aires Roçadas, cujo retrato a *Illustração* já publicou, portou-se dignamente, sobretudo n'um brilhante ataque á bayoneta que fez recuar a gente do soba Hangalo, cuja en-

bala foi tomada de assalto. Os indigenas tinham-se fortificado dentro da embala do soba e faziam de lá um fogo terrível a que os nossos não podiam responder por falta sensível d'artilharia. Mas, deante da ordem do chefe, mesmo sob o fogo inimigo, as tropas portuguezas,

em pequeno numero, e certo, por um d'uma bravura que honra o país a que pertencem, fizeram o ataque momentaneamente desordenadamente, podendo levar a cabo a sua missão. Os indigenas, que tinham a cada lado a cada um dos lados da embala, foram mortos em perfeitissima forma, atirando-se com desespero para o reduto d'onde choviam as

terribes descargas e assim, ao cabo d'uma momentada, viram fugir os negros desordenadamente, podendo ainda aprehender 700 homens e apoderar-se da embala. Os portugueses encontraram 300 mortos feitos pela nossa insubstituível artilharia, pois se se dispunha de 2 peças de

montanha 7 e.^o n.^o 1882, peças já condemnadas e tanto que uma d'ellas após o quinto tiro deixou de funcionar, dando-se o mesmo com a segunda após a decima primeira descarga. Ao commandante da columna, sr. capitão Roçadas, aos officiaes que o coadjuvaram

e á bravura nunca desmentida das praças em operações se deve a victoria que é já um começo da desforra a tirar d'esses povos que tanto nos tem humilhado e que vão dentro em pouco receber o devido castigo pela sua rebeldia ao dominio portuguez n'aquella região.

(Segundo croquis e photographias)



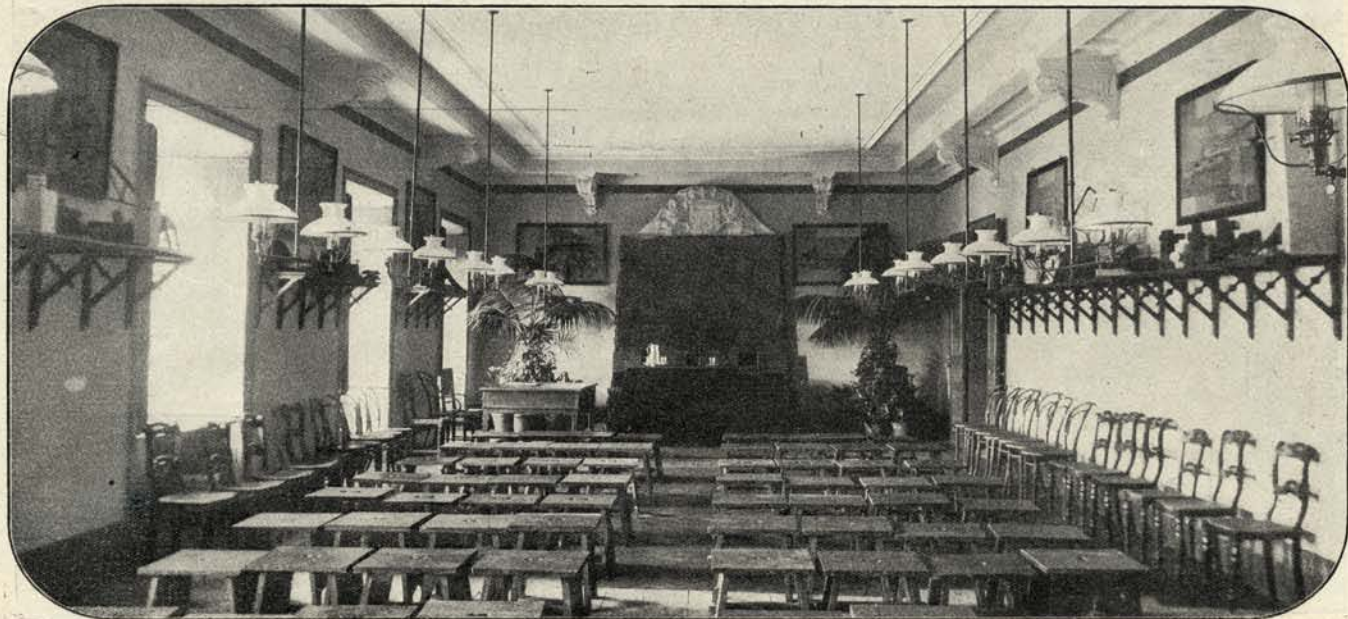
Palmyra Bastos
No traje de vendedora de perfumes



Palmyra Bastos
No traje de *Venus*



A REPRESENTAÇÃO DA PEÇA - VENUS - NO THEATRO D. AMELIA
A scena final



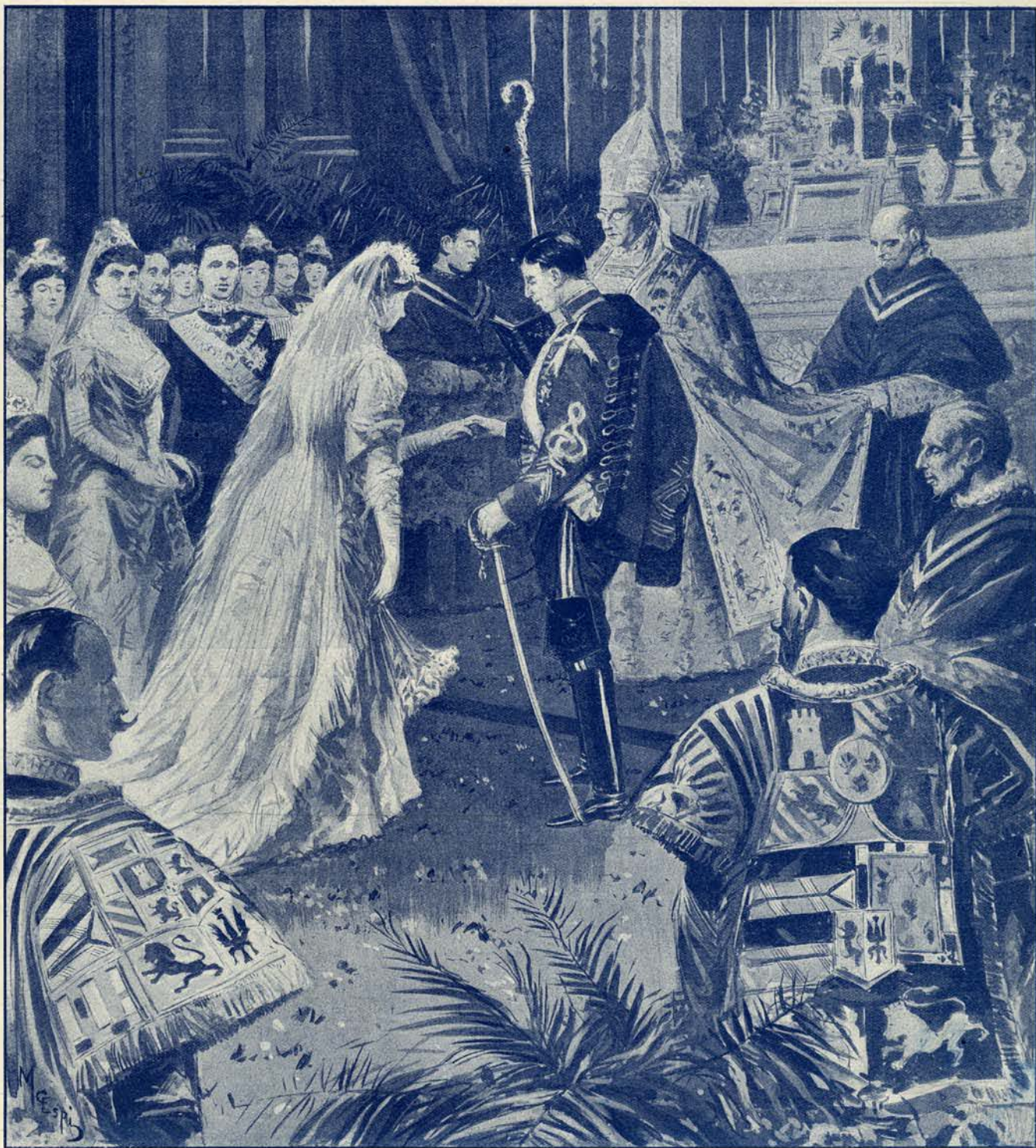
A distribuição dos premios na Escola Affonso Domingues em Xabregas
As alumnas premiadas—A sala onde se fez a distribuição dos premios

O sr. Antonio Cabral, ministro das obras publicas, presidiu á distribuição dos premios n'esta escola industrial e declarou desconhecer por completo taes estabelecimentos d'ensino, prometendo no entanto dispensar-lhes toda a sua protecção. As escolas industriaes creadas em Portugal, por um justo pensamento, imitam as suas congéneres d'outras paizes, onde se faz da industria quasi uma sciencia. A idéa que presidiu á fundação d'estas

escolas foi a de desenvolver os conhecimentos dos operarios, de lhes dar uma educação em harmonia com as suas profissões, como se faz em França nas escolas d'artes e officios espalhadas por toda a republica.

Depois a primitiva idéa alargou-se, crearam-se n'essas escolas sub-divisões e tem, realmente, prestado grandes serviços, porque o seu pessoal é escolhido, o que não succede, sobretudo agora, n'outras escolas. O professor,

em contacto com o operario, tem que ser differente do que ensina crianças e d'ahi a quantidade de aptidões e de facilidades que é necessario desenvolver, se pensarmos que elles tambem tem de ensinar os pequenos que fazem os seus preparatorios e as alumnas, que são em grande numero, sobretudo n'esta escola, onde, agora, foram premiadas.



O CASAMENTO DA INFANTA MARIA THERESA DE HESPAÑHA COM O PRINCIPE FERNANDO DA BAVIERA—A cerimonia da entrega do anel

A infanta Maria Theresza de Hespanha recebeu por occasião do seu consorcio joias, vestidos e adornos no valor de mais de tres milhões de pesetas. As festas do casamento duraram desde 6 a 12 de janeiro pela seguinte ordem: Em 6 jantar intimo no paço real, em 7 banquete de gala, em 8 baile no palacio da infanta D. Isabel, tia da desposada, a 9 recita de gala no Theatro Real, a 10 baile no paço, tendo-se realisado no dia 11 o

casamento civil, e no dia 12 a cerimonia religiosa, a qual foi presidida pelo cardinal Saucha e realisada na capella do paço real. Entre outros principes que assistiram á cerimonia com o rei e a rainha viuva de Hespanha, estiveram as infantas D. Isabel e D. Eulalia, o archi-duque Frederico e os principes Jorge, Conrado e Henrique da Baviera e os principes Affonso e Luiza da Baviera, irmãos do noivo, que é filho da infanta Ame-

lia de Hespanha e do principe Adalberto da Baviera.

Assim fica a casa de Hespanha ainda mais ligada á casa d'Austria, porque Luiz II, rei da Baviera, que morreu lonco tendo caído a um lago para onde arrastara o seu medico n'um acesso de furia matando-o tambem, era primo direito da fallecida imperatriz da Austria nação d'onde vem tambem a rainha viuva de Hespanha,



O CASAMENTO DA INFANTA MARIA THERESA DE HESPAÑA COM O PRINCIPE FERNANDO DA BAVIERA — O cortejo atravessando uma das galerias do palacio real em direcção á capella

A cerimonia do casamento civil da infanta realisoou-se na vespera do casamento religioso, isto é, na noite de 11 de janeiro, no palacio real, tendo assistido toda a familia real, principes estrangeiros, corpo diplomatico, autoridades superiores civis e militares. A infanta mandou entregar cinco mil pesetas aos pobres e a rei-

nha dez mil pesetas aos asylos de Madrid. Na cerimonia religiosa em que o cardeal Sancha fez uma allocução brilhantissima aos noivos, a infanta estava coberta de flores de laranjeira cortadas nos jardins do Alcazar de Sevilha e que foram remettidas para o palacio real nas vesperas do consorcio e o principe da

Baviera vestia o uniforme dos hussards de Pavia de que é coronel e á frente dos quaes o rei Affonso XIII para honrar o noivo se collocou por occasião da revista militar, ao passo que o principe Carlos das Asturias commandava os hussards da Princeza.

A ASIA EM CHAMMAS

ROMANCE DA INVASÃO AMARELLA

POR FÉLLEBRUGIERE E LUIZ GASTINE, TRADUÇÃO DE ALBERTO TELLES

Mérande inclinou-se sem responder, e o official chinês foi logo chamar ao corredor outro official que introduziu serenamente no apertado Kanyadjé e Nadia.

Os chinezes cerraram a porta com cuidado, e depois ouviram-se affastar rapidamente os seus passos.

— Oh! Nadia! murmurou Bottermans, junhando as mãos.

— Pelo amor de Deus, calae vos, tornou Mérande. Cuidae só no vosso dever, Bottermans, e no nosso salvamento.

Depois, n'um tom mais brando, mas não menos firme:

— Ida ter com Herman, e sêde o primeiro a descer de pois de Ivan.

— Substitui-o-eis no seu posto, comprehendei-me, não é assim?... Preciso de Ivan, mais forte do que vós, para auxiliar a descida das mulheres.

— Ah! comprehendo! Mérande, obedeço, obrigado, e contae commigo.

De fóra, o tumulto, o estrondo dos tiros redobrava e approximava-se de modo sensível.

— Agora, doutor, proseguiu o commandante, quando Bottermans desapareceu no alçapão, chamae Herman,

guida, de sorte que, quando esta caía, ficou coberta pelo volume d'esses estofos que o dissimulavam.

Já então a cabeça de Ivan apparecia ao nível do respiradouro.

— Depressa! disse elle. Acabo de vêr cair homens na escarpa. Batem-se nos terraços.

O ruído do ataque era surdo, mas distinguia-se claramente o tirofletio.

— Vamos! Kanyadjé, passae primeiro; este homem é seguro e forte, elle vos descerá nos seus braços. Basta que lhe lanceis os vossos em volta do pescoço; e, sobretudo, nem uma palavra, nem um grito de susto. Se cairdes ambos, estamos perdidos.

Kanyadjé não fazia juizo perfeito do que se passava. Sentia, contudo, que um perigo terrível os ameaçava, e pensava que Mérande ia pô-la em segurança.

— Não sabeis que a minha vida vos pertence? respondeu simplesmente a donzella, escoregando cusadamente por entre os dois varões de ferro.

— Nadia, Herman vae tomar-vos nos braços como Ivan acaba de pegar em Kanyadjé.

— E' inútil, sabeis que valho por um homem para os actos physicos; desceréi só.

— Não, Herman vos procederá para vos sustentar, e eu irei depois de vós para vos roter.

— Audae lá, Herman.

O mancebo inclinou-se para fóra do respiradouro, verificou que Ivan chegára á base da escada, e pôz logo os pés nas primeiras cordas.

Por sua vez, Nadia o seguiu, sem tremer.

— Agora vós, disse Van Korsteen, impellido Mérande.

— Não, esperemos que elles lá cheguem abaixo; Nadia tem razão, e a escada não supportaria o peso de tres pessoas...

— Ora essa! Ivan e Kanyadjé juntos pesam mais do que vós, Herman e Nadia reunidos. Além d'isso, não tenho confiança nas forças de Nadia; tem coragem, mas é muito nervosa; pode dar-lhe uma vertigem; se caísse, poderia matar tambem os nossos amigos, que estão no fundo da escada; é mister auxiliar Herman a amparal-o em caso de fraqueza. Ide depressa...

Mérande comprehendeu a justeza d'essas observações e mettu-se no respiradouro; mas no momento de principiar a descer pela escada ainda se deteve.

— Mas estou doido? Vós é que tendes de passar primeiro! doutor; ajudareis Nadia; a mim pertence-me cobrir a retirada.

— Co' a breca, exclamou Van Korsteen com uma impaciencia e um tom de aborrecimento muito desusados, arriscas-vos a perder-nos a todos com escrupulos fóra de proposito. Eis-vos já longe de Nadia, que pode desmaiar; toca a descer... Antes que torneis a subir, e que eu possa tomar o vosso lugar, pode succeder uma desgraça. Não é occasião agora de fazer estrategia regular... Ouço os assaltantes que se approximam. Ide depressa... Ide...

Mérande, impressionado, apesar da serenidade que desejava manter, não insistiu mais e começou a descer rapidamente.

Passados alguns segundos d'elle ter desaparecido, o doutor soltou um profundo suspiro de allivio. Os seus olhos, progados nas cordas da escada presa por ganchos aos varões de ferro do respiradouro, seguiam todas as vibrações d'ella.

Quando Herman, Mérande e Nadia chegaram ao fundo do barranco, o commandante imprimiu um abalo na escada, para fazer comprehender ao doutor que era tempo de elle descer por sua vez. Mas Van Korsteen, com um sorriso estranho, contentou-se em metter a cabeça entre os varões de ferro do respiradouro.

Em rigor, poderiam os seus largos hombros passar pelo estreito espaço que deixara aberto o varão cortado, espaço que fóra sufficiente para todos os seus companheiros, até o proprio Ivan, para passarem para fóra, mas o seu grande ventre é que não lhe permitia realizar essa proeza.

Desde o começo da evação, tendo-o bem verificado, só cuidara de fazer sair os outros adiante d'elle sem despetiar a sua desconfiança a respeito da sua propria passagem. Considerava tambem que, pesado como era, teria retardado a fuga através da cidade.

Novos sacões agitavam as cordas da escada como para o convidar com suprema insistencia a que se desse pressa em descer.

— E' verdade, murmurou elle, não comprehendem a minha demora... O que hei de fazer?

— Depressa... descei, disse a voz de Mérande, que subia, impiorosa, com o risco de trahir a fuga dos prisioneiros.

A esse appello desesperado e tão perigoso, appello que exprimia com tanta eloquencia a dedicacão dos seus amigos, Van Korsteen empallideceu.

Mas a batalha recrudescia na fortaleza, e o doutor comprehendeu que a ordem de Mérande se perdera no ruído.

Ao mesmo tempo acudira-lhe um pensamento. Aproveitando a circumstancia do commandante puxar pela



MÉRANDE AGARRA PELOS BRAÇOS AS DUAS MULHERES E IA-AS LEVANDO

dizei-lhe que receba e ajude a descer aquellas que lhe vamos entregar.

Kanyadjé parecia hesitante e queria falar.

— Ching disse ainda Mérande com um accento de autoridade tão determinado que ella se calou.

Depois, acercando-se de Nadia:

— Esperava-vos. Não partiria sem vós; Comprehendo a vossa demora. Vamos, chegou a hora do valor supremo.

Nadia e Kanyadjé passaram n'um instante á casamata, onde Van Korsteen e o commandante desceram por seu turno. Mas, antes de ser o ultimo a passar, Mérande havia puxado os tapetes para cima da tampa do alçapão meio er-

escada, sacudindo-a, levantou os ganchos de ferro, que a seguravam nos varões de ferro, e atirou com ella pelo escarpa, lançando ao vento, por toda resposta, tres palavras só:

—Gordo de mais.

XII

A EVASÃO

Foi um minuto tragico quando Mérande sentiu de repente a escada afrouxar nas suas mãos, e o bater dos ganchos de ferro nos rochedos o advertiu de que ella cahia, ao mesmo tempo que o abalo o ia quasi deitando por terra.

—Van Korsteen! exclamou elle afflicto. O doutor cahiu!

As ultimas palavras do doutor tinham-se perdido no tumulto. Nadia e Kanyadjé correram para junto do commandante, que se levantava.

—Estaes ferido? perguntou Nadia anciosa.

—Não, mas Van Korsteen morreu. Como é que eu pude ceder e descer antes d'elle?

Porém, uma voz forte baixava do céu:

—Apressae-vos, as casamatas estão invadidas.

Era o doutor, que ouvira o chamamento de Mérande e comprehendia a sua hesitação.

Com effeito, já não havia que hesitar. Ivan quebrava o seu silencio de soldado para dizer a Mérande o que Van Korsteen lhe gritava de cima.

—Conduz-nos, disse Mérande, de todo succumbido o sem medo que fosse ouvida a sua voz:

—Adeus, caro doutor.

—Até á vista, respondeu Van Korsteen.

O fragor do ataque ia augmentando. Samarkande despertava. Perpassava gente a correr na sombra da escarpa, accendiam-se fochos sobre o terraço da cidadella. Tracellavam-se por lá, rolavam corpos pelo precipite. Os fugitivos corriam risco de ficar esmagados.

Mérande agarrara pelo braço as duas mulheres e ia-as levando. Herman e Bottermans seguiam-nos muito de perto; Ivan caminhava adiante. Os tres europeus tinham vestido blusas chinezas, e com as duas mulheres envoltas em estofos brancos formavam um grupo que nada tinha de suspeito e que pudesse chamar a attenção malevola dos transeuntes. Ademais, estes dirigiam-

se á pressa para a esplanada pelas subidas. A escarpa estava quasi deserta.

Ivan mettu-se pelas ruas que ladeavam os jardins. A cidadella destacava do azul carregado do céu oriental. Coroavam-na alguns clarões e vinham de lá clamores formidaveis. Depois, subitamente, fez-se um grande silencio.

Os prisioneiros entravam então na cidade velha.

—Aonde vamos nós? disse enfim Kanyadjé, que tremia, e aonde nos leva este homem?

—Tende confiança em mim, respondeu Mérande, dissesse-me que me pertenciais, vosso pae está ausente, é preciso sair de Samarkande para evitar a morte.

—Eu sigo-vos, mas é possível que meu pae já voltasse. Escutae, já se não ouve nada. Os lamas fugiram.

Era exactamente o que receava Mérande. Inquietava-o o repentino apaziguamento do combate. Evidentemente os lamas tinham sido vencidos. N'este caso, procurariam os prisioneiros e as duas mulheres confiadas á sua guarda. Timour havia sem duvida chegado a tempo, como pensava Kanyadjé. Portanto, andariam em busca d'elles. Era preciso alcançar quanto antes os aerostatos.

—Ainda estames longe? perguntou o commandante, approximando-se de Ivan.

—Temos que andar um quarto de hora. E' fora da cidade, proximo do cemiterio sarta. Mas chegaremos antes da partida dos aerostatos.

—Como? antes da partida? Mas se elles tivessem partido, o que seria de Paulino?

—Ora, meu commandante, parte dos aerostatos ha de partir de noite, levando os chefes principaes. E por isso é que Paulino queria esperar a proxima noite.

—São onze horas, é preciso apressar-nos.

Renovaram-se os clamores ao longe.

Mérande precipitou a marcha. Levava só Kanyadjé. Bottermans conseguira estar junto de Nadia, mas não ousava falar-lhe, e amparava-a brandamente.

Atravessaram uma grande avenida plantada de arvoredo fechado. Estava deserta, e os fugitivos avançavam sob essa abobada de verdura n'uma noite escura, que dissimulava a sua marcha, mas tornava a penosa e a demorava.

Por detraz d'elles, ouvia-se o rumor de Samarkande como o rugir da tempestade. A's vezes parecia que estrondos, clamor de vozes, dominavam esse barulho con-

tinnado. De quando em quando, detonações atravessavam o espaço.

De subito, não se viram mais arvores, e a grande praça da feira dos cavallos appareceu vazia, esbatida na nevoa rara da noite. A' direita erguiam-se as elevadas ruínas do mausoléu de Bibi-Khanin, que, sobressahindo negras no azul escuro do céu, pareciam colossaes. Ao fundo, as ligeiras cupulas de Schah-Zindeh brilhavam, não obstante a noite, ao contacto dos raios estelares, e emergiam dos opacos montões de verdura, que as rodeavam. Mas a serena magestade da paizagem não podia mover n'esse momento terrivel os europeus fugitivos. O campo da feira estava deserto. No entanto, Ivan, por prudencia, foi-os levando para mais perto de Bibi-Khanin. Recomeçou a marcha, mais rapida; os braços vigorosos dos homens sustentavam as duas mulheres.

Ivan parou.

—Attenção! Approximamo-nos.

Com effeito, distinguia-se a collina, sobre a qual se escalonavam os tumulos do cemiterio sarta. Em vez de subir por ella, Ivan contornou-a. Andaram então dois ou tres minutos costeando uma fila de cactus e de aloes. Ivan assobiou devagar. Respondeulhe um som semelhante, mas Ivan disse a Mérande:

—Quereis ahi ficar? Vou vêr se Paulino está prompto, e se por ahi se não encontra ninguem. Os aerostatos estão a cem passos d'aqui, lá no fundo. E' só descer. Vireis quando eu assobiar tres vezes.

A sua alta figura desapareceu rapidamente.

O coração de Mérande pulsava de angustia; sentia as duas mulheres, que estavam junto d'elle, palpitantes do terror da noite e do incognito. Herman e Bottermans permaneciam silenciosos. E persistiam os rumores longinquos sem contudo se approximarem ainda.

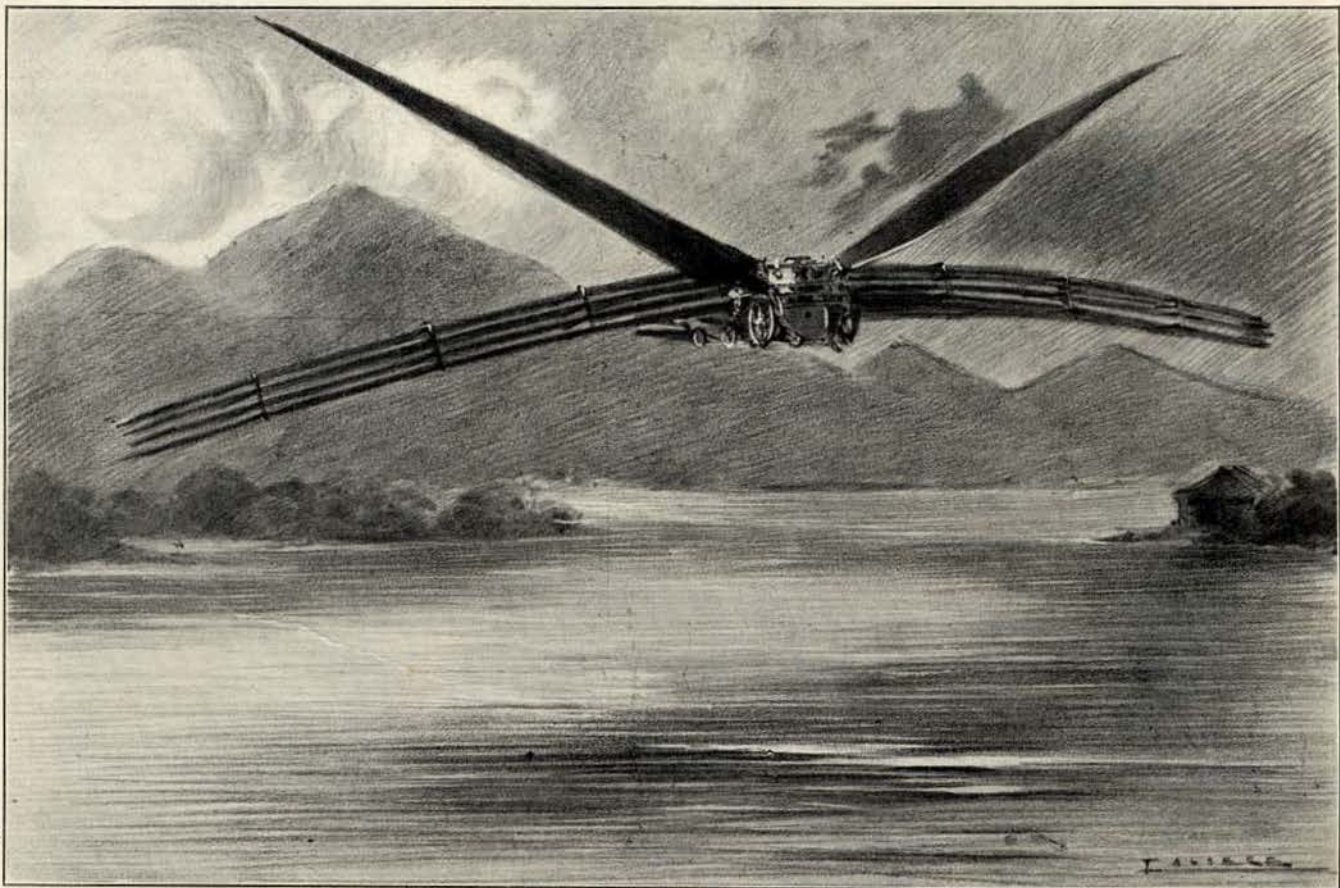
Mérande, que sabia do seu officio, collou o ouvido á terra, e percebeu logo o bater regular de numerosa cavalgada. Mas donde vinha? De Samarkande ou da esteppa? Em todo o caso, approximava-se.

Ivan não voltava, os segundos pareciam horas.

Da banda dos aerostatos elevaram-se vozes, e depois como que uma altercação. Não se via nada. Mérande, levantado meio corpo, buscava penetrar a obscuridade. O que se passava?

FOLHETIM N.º 27

(Continúa.)





Sr. Joaquim Lopes de Paiva

Que foi louvado em portaria em virtude de ter offerecido com seu irmão o sr. Antonio Lopes de Paiva, que tambem foi louvado, a quantia de um conto de reis e o terreno necessario para a fundação d'uma escola em Figueiro d'a Vizhos.



Decimo segundo passeio a Cintra do Velo Club de Lisboa em 24 de dezembro

(Phot. do sr. Apolinar Contreras Pinheiro)



Sr. Antonio Lopes de Paiva

CHRONICA ELEGANTE

Passaram as festas, as férias, os folguedos familiares, como tudo passa n'este mundo, e entrou se novamente na vida normal, activa e trabalhosa.

Ha porém a classe dos mundanos, dos que gozam o se divertem e para os quaes passam quasi despercebidos os dias de férias, pela simples razão de terem festas constantemente. Para estes não escasseiam diversões.

Os theatros, concertos, recepções, jantares, *soirées* e, n'esta época especial, as caçadas, tudo se reune para formar uma estação das mais attractivas e animadas.

As caçadas trazem consequentemente a grande *vie de chateau* que á das mais proprias a requerer diversidade de distrações, as quaes necessariamente demandam continuas variações de *toilette*. Para as simples caçadas ás lebres e aos passaritos, onde as senhoras podem acompanhar os homens, não ha traje especial; utilisa-se o singelo *trouleur* das excursões com o addicionamento da espingarda, da cartucheira e das polainas.

Nas grandes *parties de chasse* organisadas de antemão vê-se o costume um tanto espectacular de saíto curto em panno ou velludo com calção equal, corpo or-



Fig. 1



Fig. 2

nado de botõesbrilhantes, garridos chapéus de feltro de genero masculino collocados graciosamente sobre os penteados bem solidos e simples.

Nas grandes *chasses à course* as senhoras seguem de carruagem ou automovel com uma *toilette* qualquer do genero *tailleur* ou então a cavallo com os elegantes trajes de amazona. É altamente elegante usar ao lado esquerdo do peito uma *cocarde* de fitas com as cores dos donos da casa. Na *toilette* de amazona classica, sempre em uso, á por vezes admittida variedade de chapéus, toque ou *casquette*. Em Inglaterra usasse muito um pequeno *bonet* de fundo de boina com pequenas abas reviradas e grande véu de gaze branca, cinzenta ou azul.

Ao meio dia todos se encontram no *pavillon de chasse*, onde tem logar o almoço apropriado e appetitosamente servido. De regresso ao *chateau* e depois de algumas horas destinadas ao repouso ou a occupações diversas, converga-se a *toilette* de recepção, de jantar, de noite, que se presta ás mais elegantes e seductoras exhibições.

Nos sumptuosos salões tepidos, perfumados, ornamentados com plantas raras e flores exóticas, termina-

se a noite com distrações artisticas de toda a sorte para na manhã seguinte voltar ao divertimento favorito das excursões pelos bosques e prados frescamente orlhados.

Fig. 1—Costume *tailleur* em panno e velludo pruno com bordados em seda *mauve*, chapéu *feltro amethyste* com pennas de phantasia.

Fig. 2—*Toque* amazona, com véu de gaze.

Fig. 3—*Toilette* de jantar e sarau, com tunica romana e *revers pepum*, em *cachemire de soie* branco, bordado a ouro e seda *cinza rouge*. Modelo da casa Margaine-Lacroix.



Fig. 3